

PODE A PERSONAGEM PRINCIPAL SER POUCO DESENVOLVIDA? O QUE DIZER DA PERPETINHA CARMOBERNARDIANA

Can novel's main character be less developed? what can be said about Carmo Bernardes's Perpetinha

Ana Cecília Maria Estellita Lins
Universidade Estadual de Goiás

Samuel Carlos Melo
Universidade Estadual de Goiás

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do projeto de mestrado denominado “A menina suverteu-se: os sentidos da ausência em *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, de Carmo Bernardes”. Seu objetivo é verificar se entre as personagens que compõem esse romance de Carmo Bernardes (1915-1996) pode-se destacar a personagem Perpetinha como sua protagonista, pelo fato de dar nome à obra. Para tanto, são relacionadas todas suas aparições no livro e consideradas suas características, frente àquelas que os teóricos Edward Morgan Forster (2005), Antonio Candido (2021), Michel Zérafra (2010), Arnaldo Franco Junior (2003) e Maria Lúcia Levy Candeias (2012) propõem como próprias do protagonismo. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica qualitativa descritiva ainda em fase de elaboração, que visa a questionar a relação entre um título de um romance que identifica especificamente uma de suas personagens e o papel que tal personagem assume nessa ficção.

Palavras-chaves: personagem plana; protagonismo; transtextualidade.

ABSTRACT

This paper is based on the research being developed within a project for master degree named “A menina suverteu-se: os sentidos da ausência em *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, de Carmo Bernardes”, which means “The girl has vanished: the significances of absence in the novel *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, by Carmo Bernardes”. Its aim is to verify if Perpetinha is the main character of the novel *Perpetinha: um drama nos babaçuais* (1991), given the fact that she is in the title of this novel by Carmo Bernardes (1915-1996). So, it examines the possible relationship between a novel's title named after a character and the role of this one. The qualitative described research methodology adopted is based on the theories of Edward Morgan Forster (2005), Antonio Candido (2021), Michel Zérafra (2010), Arnaldo Franco Junior (2003) and Maria Lúcia Levy Candeias (2012). In order to distinguish the characteristics of Perpetinha, all her appearances in the fiction are listed.

Keywords: plain character; protagonism; transtextuality.

INTRODUÇÃO

Este artigo encontra-se relacionado à pesquisa desenvolvida como projeto de mestrado intitulada “‘A menina suverteu-se’: os sentidos da ausência em *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, de Carmo Bernardes”, ainda em andamento. Seu objeto de estudo é o romance *Perpetinha: um drama nos babaçuais* (1991), de autoria do escritor goiano Carmo Bernardes (1915-1996).

Um dos objetivos da pesquisa é refletir sobre a configuração da personagem Perpetinha, pela maneira como foi construída, seu grau de desenvolvimento, suas características, e verificar se esta se coaduna com o conceito de protagonista. A metodologia utilizada é qualitativa, de caráter bibliográfico, com leitura crítica do romance *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, tendo como base o arcabouço constituído pelos teóricos da literatura Edward Morgan Forster (2005), Antonio Candido (2021), Michel Zéaffa (2010) e Arnaldo Franco Junior (2003), assim como pela crítica teatral Maria Lúcia Levy Candeias (2012).

A CONFIGURAÇÃO DA PERSONAGEM PERPETINHA, DE CARMO BERNARDES

A fábula desse romance relata que o dentista Armantino da Costa Negri decide morar em Boa Vista, cidade do norte de Goiás (atual Tocantins) desconhecida por ele, chegando lá interage com os habitantes e passa a se relacionar com Lindalva, mãe de Perpetinha, que é quebradeira de coco. Perpetinha é sequestrada por indígenas quando estava colhendo coco de bacaba e a cidade mobiliza-se para resgatá-la. Na mesma ocasião duas meninas indígenas do povo Apinayé haviam sido também sequestradas e são dois indígenas de sua aldeia que resgatam as três. Nesse contexto, Perpetinha é uma personagem que surge a partir da metade do livro e só ganha relevância ao final da trama, quando são relatados, nos últimos três capítulos, seu rapto e resgate.

A primeira aparição de Perpetinha surge quando o narrador do primeiro plano da narrativa comenta sobre a separação de seus pais: "Largou ela com três filhos. Dois hominhos e uma menina, que a gente chamava carinhosamente Perpetinha" (Bernardes, 1991, p. 125). Em seguida, é o próprio narrador que a descreve: "Perpetinha era a cara da mãe, cortada e pregada. Tanto na meiguice, em como nos encantos do riso luminoso que também inundava a cara dela toda, uma era a figura da outra" (Bernardes, 1991, p. 125). Trata-se de uma personagem construída como um modelo de virtude cujas qualidades realçam as da mãe:

Perpetinha ia ficando moça. Ela era uma pessoinha boazinha de natureza, mansa e momenta. Na simpatia e na doçura, e no estar sempre com a face banhada por um sorriso bondoso, puxava a mãe. Era a mãe escrito. Quem não conhecesse as duas pensava que elas fossem irmãs (Bernardes, 1991, p. 165).

Nesses dois trechos, a repetição das mesmas características relativas ao sorriso reforça em ambas personagens a imagem idealizada da mulher tradicional.

As atividades rotineiras de Perpetinha são descritas em umas poucas ocasiões: “Perpetinha chegava do pubeiro, com a gamela de mandioca na cabeça, Armantino põe nas mãos dela um punhado de caramelos” (Bernardes, 1991, p. 130). Sua habilidade de dona de casa é realçada como a grande qualidade que a torna um modelo de menina-moça ideal da sociedade conservadora brasileira: “Perpetinha... Quanto ela aprecia e sabe fazer uma serembeba!... A do cajazinho, do murici, do cajuí. [...] Era de ver o capricho que ela empregava no preparar as bebidas” (Bernardes, 1991, p. 184). Em vista das alterações que o relacionamento entre Armantino e Lindalva provoca na vida desta, Perpetinha assume alguns de seus afazeres: “Lindalva não morava de portas adentro com Armantino não. Mas já tomava conta da casa dele. [...] Nesse meio tempo, a casinha dela era entregue para Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 152). Em alguns poucos momentos, a vontade dessa menina pode-se manifestar pela escolha de um método de trabalho. Ao colher bacaba, por exemplo, “Perpetinha resolveu despencar os cocos, em vez de conduzir os cachos inteiros. Dizendo ela que, despencados, ia caber maior quantidade nas bruacas” (Bernardes, 1991, p. 206).

A relação entre Perpetinha e Armantino é através da mãe dela e é exposta para reforçar a semelhança entre as duas: “Armantino gostava de explicar a ela e à Perpetinha certos mistérios. E as duas demonstravam grande interesse em aprender” (Bernardes, 1991, p. 131). Assim, Armantino passa a também querer agradá-la e protegê-la: “Veio o mascate, Armantino comprou umas coisinhas para Lindalva e os meninos. Perpetinha sempre ganhava um corte de vestido, um sapato novo” (Bernardes, 1991, p. 167). Ele chega a ponto de planejar seu futuro: “Perpetinha era a mais adulada. Armantino falava que ia fazer dela uma professora. Pretendia mandar ela estudar fora, queria que ela aprendesse música para tocar o harmônio da igreja” (Bernardes, 1991, p. 198). O perfil dela é também pincelado com base nas expectativas da sua mãe: “Lindalva pensava muito na filha Perpetinha, de 13 anos. Ela ia ficando moça, já era hora de arrumar um moço trabalhador para fazer ela casar” (Bernardes, 1991, p. 128). Essa personagem vai sendo, com isso, citada no romance sem estar realmente presente em sua trama, a não ser ao final, após ser raptada, quando toma a iniciativa de deixar sinais pelo caminho, com a esperança de ser encontrada.

Pode-se aventar que se aplique a essa personagem o comentário de Candeias (2012, p. 86), de que nesse caso “[...] não é exatamente uma protagonista, inclusive porque ela não tem antagonista, afora o fato de ser apenas um exemplar da vida cotidiana comum que a maioria dos habitantes da cidade leva”. Pois mesmo o seu sequestro é um acontecimento acidental e não intencional. Foi por mero acaso que os indígenas passaram pela área onde ela se encontrava isolada, e a pegaram.

O décimo capítulo assim inicia o relato do clímax:

O gabinete fica fechado todo tempo. Armantino, Lindalva e Ascenso estão esparramados no mundo. Têm que encontrar notícias de Perpetinha. Devassam matos e cerrados no intento desesperado de descobrir algum vestígio por onde ela tenha passado. Estão certos de que vão encontrar (Bernardes, 1991, p. 205).

Nesse momento, percebe-se pela angústia das personagens Armantino e Lindalva que essa personagem aparentemente desimportante que é Perpetinha pode fazer falta e, inclusive, movimentar o enredo. Surge também aí uma possibilidade de atitude de Perpetinha que venha a contrariar a imagem que dela fora transmitida, de menina virtuosa, mas o narrador a nega veementemente: “Dizer que Perpetinha fugiu só se fosse pelo rio. Ela ter pegado alguma embarcação que passava, não havia nenhuma condição disso. Ela estava na companhia dos irmãozinhos o dia em que desapareceu” (Bernardes, 1991, p. 205). Em seguida, o próprio narrador argumenta em defesa da menina:

Ela fazer uma coisa dessa, por qual razão? Não teve contrariedade em casa. É uma menina bem comportada¹, muito apegada aos seus. Armantino trazia ela na palma da mão. Não tem condições. Tudo pode ter acontecido. Menos isso. Ela ter fugido de casa (Bernardes, 1991, p. 205).

Os seus dois irmãos haviam se afastado para catar mangaba:

Voltaram e já não encontraram mais Perpetinha. Nada, não. Cuidaram que a irmã tinha ido ali. Faltava muito para acabar de despencar os cachos da bacaba. O jumento pastava ali perto, amarrado na corda. De novidade só acharam ali dois tiçõezinhos fumegando uma fumacinha boba (Bernardes, 1991, p. 206-207).

No entanto, como ela demorasse muito, o medo começou a dominar os irmãos: “Aonde será que ela foi, meu santo?”.

Durante a narrativa de sua busca, a personagem Perpetinha manifesta-se principalmente nas mentes das demais personagens, traduzidas pelo narrador. Este comenta que Lindalva continua a procurá-la à noite, com apoio de Armantino:

Devia ele passar pelo menos uma noite ali no mato, que era para não abandonar Perpetinha. Porém, já dava o caso por perdido. Mas quem sabe no correr da noite ela ia dar sinal? De noite se ouvem rumores de muito longe (Bernardes, 1991, p. 212).

Nessa circunstância, os sentimentos de Armantino contrastam com os da mãe: “Lindalva queria procurar a filha toda a vida, se nunca encontrasse, nunca voltava. Ia morrer por lá” (Bernardes, 1991, p. 212).

Frente ao acontecimento, outras personagens começam a agir: “Dona Emerenciana sai a campo, arregaça a saia, e toma a si a decisão de encontrar Perpetinha, de qualquer jeito” (Bernardes, 1991, p. 213). Deduziram que a menina fora raptada por indígenas: “A menina suverteu-se, virou alcanfor, não deixou sinal. Portanto, foi levada viva” (Bernardes, 1991, p. 213). Não havia vestígios de luta, o que indicava que

[...] ela fora agarrada num bote rápido, erguida do chão e levada na carreira, carregada a pulso. Ela já era grandinha, mas franzininha de corpo, não tinha peso nenhum

¹ “Nesta citação de Bernardes optamos por atualizar a grafia desse adjetivo.”

que um caboclo sacudido não desse conta de carregar, como se carrega uma boneca (Bernardes, 1991, p. 213).

Tem-se aí a primeira e única descrição física de Perpetinha, que, no entanto, só indica sua silhueta delicada.

O bugreiro Leobino sente-se indignado com o ocorrido: “Com essa agora de terem os caboclos furtado Perpetinha, ele ficou com raiva, por via daqueles gentios atrevidos virem pisar bem aí debaixo do seu nariz” (Bernardes, 1991, p. 215). Junta um grupo para salvá-la, que começa vasculhando os babaçuais: “O serviço começou pelo exame do lugar onde Perpetinha desapareceu. Qualquer sinal tinha de ser encontrado para eles terem toda certeza de que ela tinha sido deveras raptada por uma horda de índios erradios” (Bernardes, 1991, p. 215-216). Examinado o ambiente, concluem que “[a] caceba velha que anda na frente do bando levando num caco o fogo de acender nos pousos, na escaramuça de pegar Perpetinha, deixou caírem os dois tiçõezinhos de pau de candeia, dos que ia levando” (Bernardes, 1991, p. 216).

Constituída a tropa de bugreiros, a igreja os abençoa. Padre Egídio “[...] fez uma oração à Santa Catarina, advogada dos perdidos, rogando a intercessão da santa em favor de Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 228). Além disso, auxilia a organizar a expedição, requerendo “[...] que eles não retornassem enquanto não alcançassem os caboclos que iam levando Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 229).

Os bugreiros logo comprovam que ela havia sido carregada por indígenas, pois encontram, em meio ao rastro destes, pisadas que destoam do conjunto: “Não tem mais que ter dúvida, compadre. Eles vão levando Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 234). Parte então a expedição, acompanhada, à distância, pelos indígenas Apinayé Sororema e Condorim, que haviam sido convocados para auxiliá-la. Leobino, que a comanda, “[...] jurou nos pés do altar que não voltava com as mãos vazias. Tinha que trazer, com os favores de Deus, a menina Perpetinha por diante” (Bernardes, 1991, p. 237). À noite descobrem o primeiro sinal deixado por ela. Leobino encontra uma casca de palmito,

[...] escrito nela a assinatura de PERPETINHA, bem visível. Da turma toda só ele e Ascenso enxergavam uma coisinha em leitura. Ele chamou Ascenso, mostrou, era mesmo. A letra de Perpetinha é muito conhecida de Jurupa (Bernardes, 1991, p. 238, grifo do autor).

No dia seguinte,

Sororema e Condorim chamavam para irem ver uns riscos deixados lá, nos aparados de rochas. Correm. De longe Leobino, que ia na frente, soletrava a escrita nas faces lisas do rochedo. Mais perto acabou de ler, vagaroso, soletrando: PERPETINHA PASSOU POR AQUI... ADEUS MAMÃE COM TITINO... MEUS IRMÃOS ADEUS... Muitos lajedos. E em quase todos, na altura que ela alcançou, Perpetinha assinou o nome dela e riscou figuras retratando-se de frente e de lado. Explorando por ali, Condorim encontrou o pau queimado onde ela tirou o carvão para escrever (Bernardes, 1991, p. 240, grifo do autor).

Aparentemente, as meninas Apinayé também sequestradas buscariam igualmente sinalizar o caminho para seus possíveis resgatadores, mas o narrador questiona a autoria desse gesto para dar ênfase a Perpetinha:

E, em seguida, de dez em dez braças mais ou menos, apareciam folhas de canela-de-ema despegadas pelo chão. Não era outra senão Perpetinha que ia largando marcas, dando rumo, com esperança de ser alcançada, parece que adivinhando. Podia ser também ação das cunhãzinhas que estavam pressentindo a aproximação dos irmãos delas por meio de alguma arte secreta. Parece que a Natureza age muito em favor do gentio, dando a ele certas faculdades que não dá ao cristão (Bernardes, 1991, p. 240).

Como estivesse escurecendo, a expedição de bugreiros organiza seu pouso. “Foi festa. Muita alegria, muita esperança de, no dia seguinte, darem na maloca e tomar Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 241). Ao amanhecer, Sororema e Condorim aparecem para avisar que encontraram mais uma indicação deixada pelo caminho:

Ascenso e Visconde ficaram com o coração aos pulos, com a fala entrecortada e vertiam lágrimas, ao que Leobino ia soletrando a escrita de Perpetinha. As letras na casca lisa da canafístula foram feitas com a quina de pedrinhas. Os apinagé encontraram as pedrinhas de quina viva no meio do cascalho branco, por ali. Ela escreveu muito, riscou o pau todo em roda: AQUI DORMIU PERPETINHA... VENHAM ME BUSCAR... DEUS É GRANDE... SODADE... SODADE... DADÁ E DADINHA VÊM COMIGO...

Devera ser as duas piazinhas do apinagé. Decerto já tinham feito camaradagem, e Perpetinha botou apelido nelas de Dadá e Dadinha (Bernardes, 1991, p. 242, grifo do autor).

Num total de 244 páginas do romance, Perpetinha é mencionada 39 vezes, poucas delas em um parágrafo inteiro. Em algumas dessas situações, Perpetinha é apenas apontada no ato de enunciação de outra personagem que a ela se refira, o qual é narrado em discurso indireto, como por exemplo em “Leobino e Visconde estavam certos de que não foi o apinagé que furtou Perpetinha” (Bernardes, 1991, p. 217), ideia que é praticamente replicada em outras duas sentenças, para justificar o fato de terem demandado a ajuda de Sororema e Condorim. Do mesmo modo, o planejamento do resgate pelos bugreiros é assim relatado, com um toque de ironia: “Ficou assentado também que, de cá, eles gritassem chamando por ela, que ela tinha que dar um jeito de escapular e vir ao encontro deles” (Bernardes, 1991, p. 241). Nesses casos, a função do nome Perpetinha, ou do dêitico “ela” que gera com este uma relação anafórica, é apenas designar a personagem num contexto em que ela assume papel referencial, sem, no entanto, participar dele.

Mais duas menções a Perpetinha encerram o romance. Uma delas inclui mais outras elucubrações dos bugreiros sobre como deveriam agir no momento do resgate: “Leobino conferenciou com Visconde, consultaram os companheiros se convinham soltar os cachorros. Resolveram que não. Que só podia atirar e soltar cachorro depois de ver que Perpetinha não corria perigo” (Bernardes, 1991, p. 243). A última menção a Perpetinha,

por outro lado, constitui-se do relato de seu resgate, efetuado por Sororema e Condorim, o qual encerra o romance:

Perpetinha tava lá, na casa dela.

Sororema e Condorim tinham dado na maloca do caboclo lá no sangradouro do Espraiadinho, estavam malhados na sombra do baruzeiro. Avançaram neles de surpresa. Tomaram deles as lanças e foi cacetada de todo tamanho. As meninas aproveitaram a confusão e correram. Aí foi só Condorim e Sororema esparramarem a maloca, e acabou a história. Passaram na Boa Vista, entregaram Perpetinha ao povo dela. No mesmo dia, seguiram para a Aldeia Grande, levando Dadá e Dadinha, as cunhãzinhas, irmãs deles (Bernardes, 1991, p. 244).

Introduzidas neste estudo todas as passagens existentes no romance que aludem a Perpetinha, não existe clareza de que ela possa ser considerada a personagem principal, dada sua aparência fragmentada, sem contornos nítidos e com atuação pouco distinguida. Para examiná-la melhor, faz-se necessário estudar sua figuração frente às considerações do que possa tornar uma personagem a protagonista da ficção.

CARACTERÍSTICAS DE UMA PERSONAGEM PRINCIPAL

Cogita-se que Perpetinha possa ser a personagem principal do romance *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, de Carmo Bernardes (1991), por dar seu nome a esse título. Ao questionar essa relação entre um título de uma obra que identifica especificamente uma de suas personagens e o papel que tal personagem assume nessa ficção, recorre-se a Gérard Genette (2006), que nos traz a compreensão desse tipo de transtextualidade, que vem a ser a relação que necessariamente existe entre o título e subtítulo de uma obra e o seu conteúdo. No entanto, tal relação implica em inúmeras interpretações possíveis que podem decorrer da leitura dos textos cotejados, os quais podem carregar, inclusive, significados ocultos ou transcendentais.

Considera-se, a par disso, que a construção do título de um texto ficcional insira-se entre as marcas do perfil estilístico de um autor, pois é a maneira que este encontra de fazer menção ao que deva ser enfatizado, o que não necessariamente consiste de uma indicação clara e evidente da personagem que deva assumir o protagonismo, mesmo que esta esteja nele mencionada. Assim, o fato de esse romance de Carmo Bernardes se chamar *Perpetinha: um drama nos babaçuais* não implica em que a personagem Perpetinha deva ser necessariamente a protagonista.

À vista disso, questiona-se a adequação do perfil de uma personagem para assunção desse papel de protagonista, à luz das definições defendidas por Antonio Candido (2021), Michel Zérafra (2010), Arnaldo Franco Junior (2003) e Maria Lúcia Levy Candeias (2012). Franco Junior (2003, p. 53, grifos do autor) afirma que: “As *personagens* que protagonizam o *conflito central* [...] classificam-se como *personagens principais*”. Note-se que nessa afirmativa Franco Junior (2003) não está considerando o conceito de personagem principal vinculado ao de um único

protagonista, podendo englobar vários. Perpetinha certamente está presente no conflito central da trama, pois é ela própria uma das personagens sequestradas, de maneira que, além de conferir seu nome ao romance, a partir desse rapto ela se torna o foco da ação que caracteriza o clímax. Ela está, com isso, entre as personagens principais, junto com as duas meninas indígenas Dadá e Dadinha, os indígenas Condorim e Sororema, e talvez, também, os bugreiros e outras personagens sertanejas.

Entretanto, sob outras abordagens teóricas, essa situação pode não ser ainda suficiente para que se possa perceber Perpetinha como a protagonista ou uma das protagonistas, tendo em vista ocorrer com ela o que Candido (2021, p. 59) denomina “a simplificação estrutural que o romancista lhe deu”, mas que em seu caso não advém das características apontadas por esse teórico, como complexidade e unidade. Por isso, estudamos a maneira como Carmo Bernardes explora esse recurso da narrativa.

No prefácio à obra *Aspectos do romance*, de Edward Morgan Forster (2005, p. 10), Luiz Ruffato observa que “As pessoas – ‘os protagonistas numa estória’ – podem ser planas ou redondas. Este parece ser o conceito de Forster mais difundido e talvez, ainda assim, não de todo compreendido”. Pois o leitor se depara com personagens cuja expectativa de protagonismo requereria uma atuação mais constante, com mais ação, conforme o modelo geralmente preconizado, e deve lidar com o incômodo de dever considerar que uma personagem plana pode conduzir o conflito central da narrativa.

Perpetinha é uma personagem plana, pouco desenvolvida, com pouca atuação, o que a torna distante da ação que se requer de uma heroína. Mas uma vez que, pelo contexto, percebe-se que Perpetinha é apenas uma menina sertaneja, uma personagem que não costuma preencher páginas de romance no papel de protagonista, sua figuração pode estar perfeitamente adequada à representação desse seu papel.

Ao cotejar-se as características de Perpetinha com aquelas que deva ter uma protagonista, constata-se que Perpetinha seja quiçá uma personagem plana também como uma maneira de manter sua coerência de boa menina, de evitar contradições que possam contestar suas virtudes. Pois ao considerar a personagem pouco desenvolvida, Candeias (2012, p. xvi) lembra: “O pensamento hegeliano vê esse tipo de personagem como a personificação de uma qualidade. Por isso, pode ser definida como a encarnação de uma emoção, ou de uma ideia, sendo identificada como um arquétipo”. Perpetinha seria o modelo da menina-moça ideal da sociedade conservadora brasileira, que tem por base a estrutura patriarcal. Nesse sentido, Perpetinha não está definida com as especificidades de uma heroína de romance, mas com as generalidades de uma mulher que, por seus condicionamentos sociais, está sujeita a enfrentar situações de violência, como um rapto.

Ao refletir sobre a possibilidade de Perpetinha se transformar ao longo de sua jornada, deve-se considerar o quanto ela é uma personagem pouco desvendada e pouco ativa. No entanto, uma vez sequestrada, ela passa a deixar sinais pelo caminho. Forster (2005, p. 46) observa: “A

vida oculta que se manifesta através de sinais exteriores já deixou de ser oculta, e ingressou no domínio da ação. E a função do romancista é revelar a vida oculta em sua fonte, contando-nos mais [...]”. Carmo Bernardes faz seu narrador mostrar os sinais na mata que são produto da ação de Perpetinha, e que indicam aspectos de sua personalidade até então invisíveis, como iniciativa e criatividade, ativados num contexto de risco. Mas nessa circunstância Perpetinha não está sozinha, acompanham-na as duas meninas indígenas que haviam sido igualmente capturadas. Uma vez que o leitor, tanto quanto o grupo que sai ao resgate das três meninas, só toma conhecimento dos sinais, nada sabendo sobre sua produção, não resta claro se iniciativa e criatividade são qualidades de Perpetinha, ou de suas companheiras. Michel Zéraffa (p. 453) indaga: “O romance ainda exprime a pessoa, se não mais traduz a evolução e a realização de um ser?”. Pois não se pode afirmar que seja Perpetinha a personagem que se transforma pela ação. Contudo, os acontecimentos que a envolvem movimentam outras personagens que se transformam e geram transformações. Dessa maneira, Perpetinha constitui-se de um dispositivo do enredo que conduz o leitor a buscá-la em meio à ação das demais personagens e a, conjuntamente, descobrir outras personagens que, tanto quanto ela, são pouco visíveis.

Um dos pressupostos que norteiam esta pesquisa refere-se à angústia pela ausência de Perpetinha, inserida na estrutura do romance como técnica para promover a estética da obra e provocar o jogo de procura do protagonismo de quem deveria ser a protagonista. Essa angústia inclui dúvidas quanto à possibilidade de existir um protagonismo que não apresente uma clara motivação para o desenvolvimento da narrativa e que esteja vinculado a um papel de vítima de um sequestro que, inclusive, só surge ao final da trama. No entanto, a própria invalidação do protagonismo da personagem que dá nome ao romance pode ser uma motivação para o desenrolar deste. Assim, se a estrutura do romance aponta propositalmente para essa ausência, pode estar indicando uma estratégia do autor para provocar no leitor determinadas sensações e sentimentos relacionados a ausências, invalidações, invisibilidade, tanto de Perpetinha quanto de outras personagens e situações.

Candeias (2012, p. 81) desenvolve o conceito de personagem fragmentada como a possibilidade de se evidenciar “a consciência do fragmentário, a aceitação das projeções do outro [...] e a tranquilidade de viver verdades possíveis, ou seja, meias verdades”. Ao não se esperar grandes ações de Perpetinha, dada sua extrema simplificação e aparente ausência de voz própria, pode-se expandir o olhar para as demais personagens, dentre as quais as indígenas, as quebradeiras de coco e muitas outras personagens do sertão tocantinense que compõem a trama e que, da mesma maneira, não são vistas e ouvidas.

Em complementação, Candeias (2012, p. 82) afirma que “personagens compostas por fragmentos também ocupam posição central [...], mas raramente podem ser consideradas protagonistas”, por não alcançarem o status de personagens importantes para a condução da trama. Conforme explica Candido (2021, p. 59), o escritor simplifica uma personagem para garantir-lhe coesão e coerência, “[d]aí ser ela relativamente mais

lógica, mais fixa do que nós”. Se fragmentada, falta-lhe coesão, pois faltam-lhe algumas das características que ajudam a compor a pessoa. Perpetinha parece ser fragmentada por estar idealizada. Candeias (2012, p. 83) conclui: “A figura fragmentada é, portanto, um componente importante para que o drama atual seja povoado de personagens centrais, mas não apresente protagonistas”. Retornando ao conceito de personagem principal trazido por Arnaldo Franco Junior (2003), cabe indagar quem, no conflito central da trama do romance *Perpetinha: um drama nos babaçuais*, seria então protagonista.

Perpetinha ser considerada protagonista pode ser uma novidade como técnica narrativa, principalmente para a época em que o romance foi criado, na década de oitenta do século passado. Frente a essa possibilidade, passa-se a se perquirir qual a intenção de se delinear uma protagonista que pouco aparece no romance, permanecendo questionável em seu papel, em sua importância, em sua função, e cujos traços são escassos. Pondera-se que a grande ironia do texto esteja justamente em apresentar uma provável protagonista cujo protagonismo não se encaixa nos moldes de construção de personagens, pois é uma personagem plana com pouca atuação, mas que ainda assim tem o poder de movimentar a trama para dar visibilidade a uma sociedade interiorana desprestigiada e a povos indígenas apagados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do pressuposto que Perpetinha, por intitular o romance, seja sua personagem principal. A fim de verificar essa possibilidade, extraímos do texto ficcional todas as menções a essa personagem, e a partir destas examinamos suas características figurativas. Fundamentamo-nos nos teóricos Forster (2005), Candido (2021), Zérafra (2010) Franco Junior (2003) e Candeias (2012) para refletir sobre os aspectos que distinguem o protagonismo. Nossa conclusão parcial, neste momento da pesquisa, é que Perpetinha é uma personagem plana e fragmentada, cuja função é movimentar o romance, dando relevância para as personagens indígenas, entre muitas outras que transitam pelo sertão tocantinense. Nesse papel, pode estar assumindo um protagonismo não aparente ou invisibilizado que visa a apontar para as demais personagens tampouco visíveis.

As características da construção dessa personagem, que se refletem também na composição do título do romance, carregam a ironia que se constitui de um traço da escrita de Carmo Bernardes, revelando sua contemporaneidade. Conclui-se, nesta fase intermediária da pesquisa, que os questionamentos sobre o protagonismo de Perpetinha induzidos por sua simplificação e fragmentação como personagem podem refletir questionamentos sobre quem pode concorrer, em uma dada estrutura socioeconômica e cultural, aos papéis de herói ou heroína dos romances.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Carmo. **Perpetinha: um drama nos babaçuais**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

CANDEIAS, Maria Lúcia Levy. **A fragmentação da personagem: no texto teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIM, Lúcia. (Orgs.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá, PR: EdUEM, 2003.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005. [livro eletrônico]. Disponível em: <https://dlivros.com/livro/aspectos-romance-forster>. Acesso em: 11 ago. 2024.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

ZÉRAFFA, Michel. **Pessoa e personagem: o romanesco dos anos 1920 aos anos de 1950**. Tradução de Luiz João Gaia e Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Contato dos autores/as:

Autora: Ana Cecília Maria Estellita Lins

e-mail: linsanacec@gmail.com

Autor: Samuel Carlos Melo

e-mail: samuel.melo@ueg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 17/02/2025